

**O LADO OCULTO DA LEITURA: UMA ANÁLISE DO CONTO
“FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR**

Cyntia dos Santos Jorge (UENF)

cyntiasj@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o conto “Felicidade clandestina”, inserido na obra de mesmo nome de Clarice Lispector. O que se chama de “lado oculto da leitura” é uma tentativa de análise do conto por meio de três abordagens teóricas: a literária, a textual e a discursiva. Na medida em que os textos não existem sozinhos nas prateleiras do mundo, pois se materializam na prática da leitura, é imprescindível reconhecer que o leitor é tão fundamental quanto o autor, e que vai preenchendo lacunas que o texto deixou. Essa premissa é desenvolvida pela Estética da Recepção, conforme Iser, Jauss e Barthes, problematizada por Terry Eagleton (2006). A teoria literária em questão revela que, durante anos, o leitor não foi privilegiado no trio autor – obra – leitor. No âmbito da Linguística Textual, tendo por pressuposto o papel do leitor na compreensão textual, é apresentada a teoria dos horizontes de Marcuschi (2008), sendo o horizonte máximo a geração de sentido pela reunião de informações que o texto traz e os conhecimentos pessoais que o leitor tem. Na abordagem discursiva, Orlandi (2012) afirma que o processo de significação de um texto está relacionado ao contexto histórico-social do leitor. Portanto, ao visitar o conto, sob diferentes vieses teóricos, é possível engendrar diferentes leituras e sentidos, que não se esgotam, demonstrando-se o lado oculto da leitura.

Palavras-chave:

Leitura. Literatura. Compreensão Textual.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the short story “Clandestine happiness”, inserted in the work of the same name by Clarice Lispector. What is called “the hidden side of reading” is an attempt to analyze the story through three theoretical approaches: the literary, the textual and the discursive. Insofar as texts do not exist alone on the shelves of the world, but materialize in the practice of reading, it is essential to recognize that the reader is as fundamental as the author, and that he or she fills in the gaps left by the text. This premise is developed by the Aesthetics of Reception, according to Iser, Jauss, and Barthes, and problematized by Terry Eagleton (2006). The literary theory in question reveals that, for years, the reader has not been privileged in the trio author – work – reader. In the context of Textual Linguistics, taking the reader’s role in textual comprehension as an assumption, Marcuschi’s (2008) theory of horizons is presented. In the discursive approach, Orlandi (2012) states that the process of signification of a text is related to the historical-social context of the reader. Therefore, by visiting the short story from different theoretical perspectives, it is possible to engender different readings and meanings, which are not exhausted, demonstrating the hidden side of reading.

Keywords:

1. Introdução

Quem nunca ouviu falar de Clarice Lispector? Sua maestria no jogo com as palavras encanta desde a primeira leitura. Talvez seja preciso realizar várias tentativas de leitura para tentar entender qual seria o seu objetivo. Mesmo assim, deparamo-nos com os limites de nossa interpretação enquanto leitores, e enquanto investigadores do que não está explícito.

Visitando a história da autora, verifica-se que Clarice publicou em 1939, ainda cursando a Faculdade de Direito, seu primeiro conto, *Triunfo*. 1944 foi o ano do seu primeiro romance, *“Perto do coração selvagem”*, tendo sido contemplada com o prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, no ano seguinte. A partir daí, muitos outros frutos de sua escrita foram publicados, a colocando em cena na carreira literária brasileira. Suas principais obras são: *“Laços de família”* (1960), *“A maçã no escuro”* (1961), *“A legião estrangeira”* (1964), *“A paixão segundo G.H.”* (1964), *“Felicidade clandestina”* (1971), *“Água viva”* (1973) e *“A hora da estrela”* (1977). Dentre essas, este trabalho busca analisar o conto *“Felicidade Clandestina”*, inserido na obra de mesmo nome.

Esse livro reúne uma série de contos, escritos em várias fases da vida da autora; registros advindos de crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, com linguagem introspectiva – marca da autora – que trata de temas como infância, adolescência, família, amor, questões da alma etc.

2. Analisando o conto

O conto *“Felicidade clandestina”*, resumidamente, fala da infância de uma menina no Recife, admiradora das histórias que os livros trazem, e que *“invejava”* uma colega, cujo pai era dono de uma livraria. A complicação começa, quando a tal filha do dono do mundo encantado tem um livro *“Reinações de Narizinho”*, de Monteiro Lobato, caro, grosso, desejado, e o promete emprestar à menina. Ocorre que todas as vezes que a menina ia buscar o livro emprestado, a dona do livro inventava uma desculpa para não o entregar, fazendo da procura uma expectativa incessante. A enganação vai à cabo quando a mãe da dita cuja ouve uma conversa, numa das idas da menina para tentar o livro emprestado, e ordena que

a filha o entregue, inclusive denunciando que o livro nunca havia saído da posse de sua filha; além de deixar claro que a menina podia tê-lo emprestado pelo tempo que desejasse. O conto encerra com a narrativa da felicidade da menina ao se descobrir junto do que era para ela tal como um “amante”: o livro.

Foi apresentado acima o que Marcuschi (2008) denomina de “horizonte mínimo”, ou seja, uma “leitura parafrástica”, uma espécie de repetição com outras palavras sobre o que diz um texto. Para seguir adiante, que é o objetivo deste trabalho, ultrapassando as linhas do óbvio, tendo a leitura como dissenso, e mostrando seu lado “oculto”, apresentar-se-á a teoria da recepção do leitor para alcançar o “horizonte máximo”.

Esse “horizonte máximo” é aquele “(...) que considera as atividades inferenciais no processo de compreensão” (MARCUSCHI, 2008, p. 259). É a geração de sentido pela reunião de informações que o texto traz, juntamente aos conhecimentos pessoais, não contidos nele, que o leitor tem. Eis o ponto central da Teoria da Estética da Recepção. Eagleton (2006) anuncia que durante anos viu-se um leitor não privilegiado no trio autor – obra – leitor. Na medida em que os textos não existem sozinhos nas prateleiras do mundo, pois se materializam na prática da leitura, é imprescindível reconhecer que o leitor é tão fundamental quanto o autor.

Enquanto leitores, apesar de não percebermos claramente, estamos formulando hipóteses sobre o significado de um texto. Essas hipóteses aparecem das lacunas que o texto autoriza. Eagleton (2006) esclarece: porque simplesmente temos, todos nós, enquanto leitores, conhecimento tácito do mundo em geral e convenções literárias particulares. O texto seria nada mais nada menos que uma série de dicas para o leitor, ou seja, convites para que ele o dê sentido, já que o texto se concretiza no leitor, que preenche as lacunas obscuras nas páginas, mesmo recheadas de letras. Isso porque para a Teoria da Estética da Recepção qualquer obra que pareça inteira, finalizada, na realidade não o é, pois está repleta de hiatos que o leitor preenche. A obra é cheia de indeterminações, que necessitariam do leitor para dar efeitos, dos mais variados, até podendo ser conflitantes entre si. E quanto mais informação a obra transmitir, mais indeterminada ela se tornará.

Eco (2010) afirma que mesmo num universo de variadas possibilidades de interpretação de uma obra, há limites aos impulsos da interpretação do leitor. Esses limites seriam recursos hipotéticos de controle que

atuam para evitar leituras abusivas, exageradas, e que possam chegar ao ponto de deformar a obra, causando prejuízos ao que a ela espera gerar no seu leitor. Hoff (2015), adverte que a obra pode ser aberta, mas não “escancarada”. A utilização da expressão corrobora com o pensamento sobre os limites da interpretação. Uma expressão que ela chama de “exagero semântico”, mas que tem por objetivo demonstrar que interpretações podem extrapolar a intenção da obra. E nesse campo estariam os horizontes “problemático” e “indevido” de Marcuschi (2008).

Sem querer escancarar Felicidade Clandestina, é nesse caminho que este trabalho segue, estabelecendo as conexões, reconhecendo os hiatos. Se o leitor tem direito de ler nas entrelinhas, aqui esse direito é exercido, na tentativa de fazer uma leitura, dentre tantas outras que existem.

Na primeira descoberta do conto, o leitor percebe e sente uma felicidade. O título da história é amplamente proposital. Existem realmente felicidades que se tornam, ou até devem se tornar ocultas, clandestinas, a fim de que se possa experimentar esse sentimento individualmente, no esconderijo de ser leitor.

Qual leitor, após visitar o conto, não se lembra da sensação de felicidade que alguma leitura anterior o tenha proporcionado? Causando um encontro de amor com um texto. Se a menina pode sentir o livro tal qual seu amante, muitas outras personagens na história da literatura se referem aos livros como grandes companheiros. A expressão “amante” remete a outras tantas personagens-leitores que encontravam grande encanto na companhia dos livros. Uma delas é a personagem Elizabeth de “Orgulho e preconceito” de Jane Austen. Várias são as passagens na obra em que ela estava acompanhada por livros, e que chegava ao ponto de dizer que não descobria prazer em outra experiência. Outro exemplo está em “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, quando o protagonista, a partir das leituras de cavalaria, decide se tornar cavaleiro e sair à procura de aventuras. Tal qual o mundo preconizado por Quixote, ideal, sem injustiças, sem problemas, foi o mundo pensado pela menina após estar, “pelo tempo que desejasse” com o livro tão esperado. Sentada na rede deleitava-se enquanto lia, e chegava ao ponto de esquecer que o tinha sob sua posse, para novamente o encontrar.

São, portanto, essas as felicidades que uma leitura pode convidar, e sentimentos que os leitores, individualmente, podem experimentar. O conto pode remeter a recordações de momentos de felicidade após algumas leituras, que cada leitor experimentou, sem ter necessidade de con-

tar, de espalhar, de publicar em rede social, tal como um vírus que acomete a todos na atualidade.

Esses são dois exemplos, que podem ser recordados a partir da leitura do conto, buscando, o leitor, nos seus registros ou memórias de leitura. Muitos outros poderiam ser lembrados ou citados, mas já o serve para nos mostrar a que tipos de lacunas está-se fazendo referência.

Interessante notar que nem toda narrativa que envolve livros os coloca numa trama feliz. O livro muitas vezes representou aquele que desviava a pessoa do bom caminho. Miguel de Cervantes narra a passagem do Cura e do Barbeiro se desfazendo dos livros de Dom Quixote, como se eles fossem perigosos para saúde mental do protagonista. Essa seria também uma das funções da literatura - de falar do dissenso. O consenso já o temos espalhados pelas páginas e pelas letras no mundo. Não é confortável ouvir que há maldade numa criança, como no conto, narrando o sadismo da menina ao se felicitar em esconder o livro da outra, criando expectativas infundáveis. Eis aqui uma dicotomia sobre felicidade. Uma felicidade, por um lado, alimentada pelo sofrimento gerado a outra pessoa, e, por outro lado, uma felicidade ao estar com seu objeto de desejo.

O conto instiga o leitor a pensar sobre a felicidade, que é por onde os outros assuntos circulam ao redor. Afinal, o que é felicidade? Clarice deixa essa pergunta, ou melhor, enquanto leitores, podemos fazer essa pergunta depois de ler o conto. Talvez a escritora deixa essa lacuna propositalmente para ser preenchida. Interessante, nesse sentido, a perspectiva de felicidade da menina, parece que ela não quer que a felicidade acabe nunca, como se estivesse num pique-esconde, em que ela se esquece que possui o livro só para se redescobrir como possuidora dele.

Estar com o livro o tempo que puder é tudo que qualquer leitor deseja ter, ouvir e saber. E essa sensação é limitada quando se solicita emprestado um livro de uma biblioteca, por exemplo. Os dias junto ao livro passam mais rápido. Há o esquecimento da devolução na data aprazada. E, por conta disso, a necessidade de arcar com a multa, seja por dias de suspensão, seja por pagamento em dinheiro. Uma outra lacuna na leitura do conto é preenchida pela colocação de Barthes (2004) sobre um recalque de leitura ser o que a biblioteca gera. Ela sempre está aquém ou além das expectativas do leitor. Se há uma demanda, a tendência é não encontrar o livro, por ele estar emprestado, ou por não o ter; tendo substitutos a ele, que quase sempre não estão à altura do desejo do leitor.

Quando o leitor tem um livro emprestado em casa de uma biblioteca, não há a licença de sublinhar, anotar nele, marcar páginas etc. Se se ter um livro emprestado de uma biblioteca é recalque, “desrecalque” seria comprar, para se ter o direito de nele ser invasivo. E essas marcações podem ocupar, também, as lacunas que o livro tem.

O leitor, anos depois, ao se deparar com a mesma obra, mesmo apinhada de anotações variadas, é, indubitavelmente, remetido a movimentos não lineares, nem cumulativos; e até mesmo essas anotações de outrora geram um quadro de referências, que abrem para novas alusões, levando-o a crer, conforme nos explica Orlandi (2012) “que as leituras têm suas histórias, no plural”. Existe um quê de imprevisibilidade que depende do contexto histórico-social que deriva dessa pluralidade possível das leituras. A respeito desse ato, “lemos simultaneamente para trás e para frente, prevendo e recordando, talvez conscientes de outras concretizações possíveis do texto que a leitura negou” (EAGLETON, 2006, p. 83).

A partir dessa explicação, outra expressão, com simbologia singular, aparece: palimpsesto – material que recebe impressões pelas várias escritas e reescritas, sendo resultado de todo esse processo. Portanto, as leituras que fazemos de um mesmo texto ao longo da vida seriam como palimpsesto. Uma leitura que recebe as marcas das várias camadas de interpretações – as leituras sob as outras leituras.

3. Considerações finais

Clarice diz que escreve simples, e que não enfeita nada, mas isso é bem inverdade, porque a literatura não é uma questão de simplicidade. Aqui não se está fazendo referência a escrever difícil, com necessidade de consultar o dicionário a cada frase nova, mesmo porque é fácil fazê-lo para não ser compreendido. Este trabalho faz referência a se hoje, lendo o conto, consegue-se abstrair dele uma interpretação, fazendo essas conexões; sem dúvida, ao revisitá-lo, ter-se-ão outras leituras que vão trazer à tona esse lado oculto que ainda está nele, e que se sente inconcluso, mas que ainda não se consiga preencher. Talvez nunca o consiga completamente. Esse deve ser o encanto da literatura – estarem suspenso e cheio de janelas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. Escrever a Leitura. In: _____. *O Rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

EAGLETON, T. Fenomenologia, Hermenêutica, Teoria da Recepção. In: _____. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, U. *Os Limites da interpretação*. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HOFF, P. C. *Obra aberta, mas não escancarada: sobre a abertura poética e os limites da interpretação e sua contribuição para o ensino de literatura*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. 188p.

LISPECTOR, C. Felicidade clandestina. In: _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Processos de Compreensão. In: _____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, E. P. As histórias das leituras. In: _____. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.